

**A DIVISÃO DO GALEGO-PORTUGUÊS
EM PORTUGUÊS E GALEGO,
DUAS LÍNGUAS COM A MESMA ORIGEM**

Nilsa Areán-García (USP)

nilsa.arean@gmail.com / nilsa.garcia@usp.br

RESUMO

Na Alta Idade Média, de acordo com Silva Neto (1977, p. 329-331, 344-345), era notória no ocidente da península Ibérica uma diferença cultural e linguística entre as terras situadas ao norte e ao sul do rio Douro, coincidindo com a divisão dos territórios administrativos romanos: *Lusitania* e *Galaecia*; esta última coincidiu também com o território do reino suevo que, segundo Monteagudo (1999, p. 69), foi fundamental para o início das particularidades distintivas do galego-português diante dos demais falares românicos da península. No entanto, foi a partir do processo de Reconquista cristã que o rio Minho, e não mais o Douro, se consolidou como a fronteira cultural entre a Galiza e os territórios em poder dos islâmicos, com outras culturas e outros falares. De fato, o rio Minho já se tornara a fronteira, ainda não definitiva, entre os cristãos e os muçulmanos durante o reinado de Afonso I (739-757), mesmo durante o reinado de Afonso III (866-910), quando os cristãos já ultrapassaram o rio Douro com a Reconquista, o território entre o Douro e o Minho, ainda era uma região estratégica e instável pelas constantes lutas e batalhas ali travadas. Em 1093, durante o reinado de Afonso VI (1065-1109), houve a divisão da Galiza e a criação do Condado Portucalense, tendo justamente o rio Minho como marca divisória, que se tornou definitivamente a fronteira em 1179 com a criação do Reino de Portugal, constituindo também, até os dias de hoje, a fronteira linguístico-cultural entre o galego e o português.

Palavras-chave: Galego-português. Origem das línguas. Origem do português. Origem do galego. História do português. História do galego.

Historicamente, sabemos que as línguas portuguesa e galega têm raízes comuns, cujas origens, conforme Areán-García (2009, p. 25, 44-47) remontam ao processo de romanização e reconquista cristã da península Ibérica, entretanto, são línguas distintas dado que tiveram, a partir do galego-português, desenvolvimentos diferentes pelas peculiaridades históricas e políticas de cada território em que frutificaram.

Durante o reinado de Fernando I (1035-1063), os territórios cristãos já se estendiam até Coimbra e avançavam em direção ao sul

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

da península Ibérica. Um pouco antes de sua morte, Fernando I dividiu o reino entre seus filhos: deixando a região de Castela a Sancho II, Leão a Afonso VI e Galiza a García I. Então, durante o período de 1065 a 1090, a Galiza se tornou um reinado independente sob a coroa de García I, cujos limites ao sul ultrapassavam as margens do rio Douro e, a leste, se estendiam por terras que hoje são asturianas, leonesas e também de Zamora.

Entretanto, estrategicamente, Afonso VI usurpou-lhe a coroa a Sancho II, unificando os dois reinos e tornando-se o soberano de Castela e Leão. Analogamente ao que fizera com Sancho II, Afonso VI, o primogênito dos irmãos e já rei de Castela e Leão, arrebatou também a coroa de García I, alegando haver problemas com os sarracenos ao sul do rio Minho, reunificou assim os três reinos por ele subdivididos em condados sob o seu poder hegemônico. Segundo Mariño Paz (1999, p. 104), sua cobiça por aumento de poder e de território motivou a fragmentação da unidade político-cultural galega.

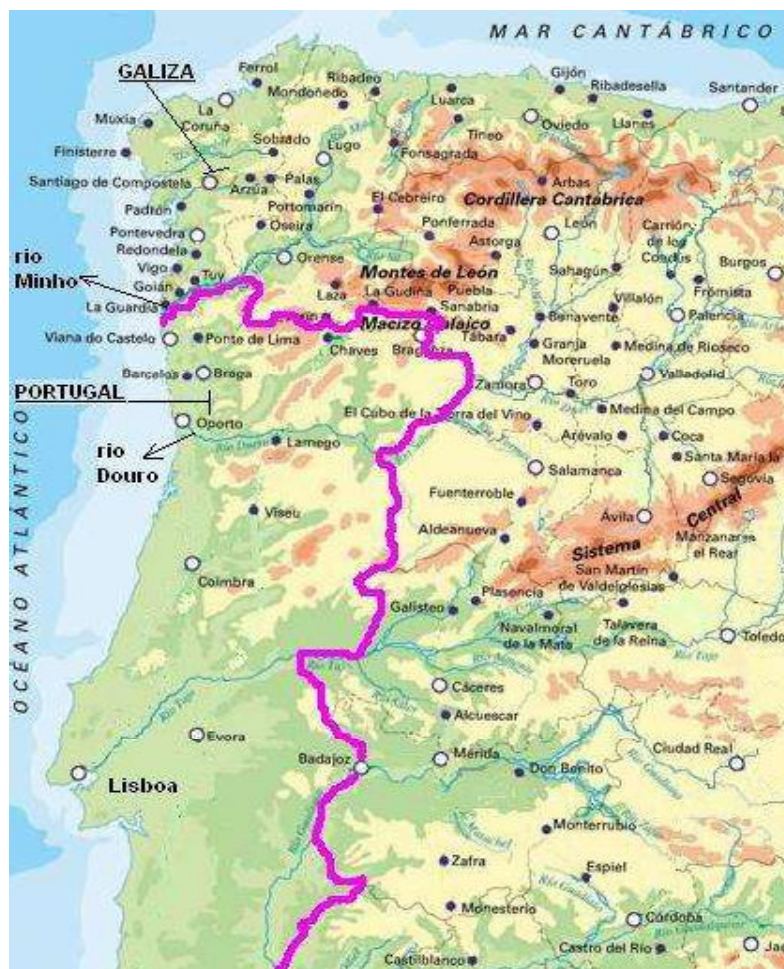
A região galega foi, então, dividida em duas, ao norte do rio Minho, o rei de Castela e Leão enviou sua filha Dona Urraca, casada com Dom Raimundo de Borgonha como condes de Galiza, em 1090. A região ao sul do rio Minho foi nomeada Condado Portucalense e entregue à sua outra filha Dona Teresa casada com Dom Henrique de Borgonha, em 1093. De acordo com Lorenzo (1994, p. 35-36), este ato marcou definitivamente a fronteira política entre Portugal e Galiza e a fronteira linguística entre o português e o galego, definindo o início da desagregação do bloco político-cultural galaico. Assim, a região norte-galaica ficou sob o jugo do reino centralizador de Castela, uma vez que Urraca era a herdeira direta de Afonso VI.

A ruptura política e as mudanças da corte portuguesa, desde o norte em direção ao sul, foram provocando pouco a pouco a separação das normas linguísticas galega e portuguesa. A falta de uma unidade política e de um centro irradiador comum foi aumentando as diferenças, que já existiam, entre a língua do norte e do sul do rio Minho.

Se, por um lado, o condado de Galiza perdeu sua força política com o crescente aumento do poder de Castela, por outro lado, segundo Saraiva (1999, p. 46-55), a região do Condado Portucalense foi crescendo militarmente cada vez mais nas batalhas de reconquista em direção ao sul, sob o comando de Dom Afonso Henriques, filho

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de Dom Henrique de Borgonha e Dona Teresa. Conforme Teyssier (1997, p. 25-26), o fortalecimento militar veio seguido de uma independência política e, ao se separar do reino de Castela, Portugal também se separou da Galiza e a isolou dentro da península. Em 1179, Dom Afonso Henriques, posteriormente nomeado com o título de Afonso I, foi reconhecido como o rei de Portugal pela Igreja Católica em Roma. Já em 1297, durante o reinado de Dom Dinis, pelo Tratado de Alcanizes, estavam fixadas as fronteiras atuais do território português.



Mapa 1: As fronteiras entre Portugal e Galiza¹

Alguns dos documentos mais antigos conhecidos em galego-português são: *A notícia de fiadores* de Paio Soares Romeu, datado

¹ Adaptação do mapa disponível em: <http://www.sabuco.com/historia/atlas1.htm>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de 1175; e a cantiga *Ora faz ost' o senhor de Navarra* de Joam Soares de Paiva, escrito no ano 1196. Também há *Notícias de Torto* (1211) e o *Testamento de Afonso II de Portugal* (1214) como prosa de tabelião. Segundo Brea (1983, p. 84-85), durante os séculos XIII e XIV, o galego-português teve grande importância literária na península Ibérica, exceto na Catalunha, onde se usava o provençal.

Nessa época se destacaram três tipos de composições: as cantigas de amigo, as de amor e as de escárnio e maldizer; principalmente as escritas por: Martim Codax, Mendinho, Pero Meogo e outros, e organizadas nos: *Cancioneiro da Ajuda*, *Cancioneiro da Vaticana* e *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Merecem atenção as *Cantigas de Santa Maria*, escritas em galego-português pelo próprio rei de Castela: Afonso X, *o Sábio*. Nesse período a língua galego-portuguesa viveu uma época conhecida como a fase de Esplendor Medieval.

É então natural, por um lado, que grande parte do léxico e das estruturas gramaticais em geral – sintáticas, morfológicas e semânticas – do português e do galego tenham sido inicialmente adquiridas e solidificadas a partir do galego-português proveniente dessa fase medieval destacada.

Nos mapas 2 e 3, podemos observar o território de abrangência aproximado de cada língua na península Ibéria por volta dos anos 1200 e 1300, respectivamente, confirmando o grande crescimento, em relação às demais, da língua castelhana, dada a sua importância política na península.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos



Mapa 2: Abrangência das línguas na península Ibérica por volta do ano 1200²



Mapa 3: Abrangência das línguas na península Ibérica por volta do ano 1300³

Além disso, a grande importância dos reinos de Castela e Portugal na península e a busca de uma união ibérica promoveram estreitas ligações, principalmente por meio de matrimônios, entre as duas cortes. Assim, houve uma forte influência do castelhano no português falado na corte, que se estendeu até fins do século XVII com a União Ibérica, principalmente quanto ao léxico e algumas estruturas sintáticas.

De acordo com Rucquoi (1995, p. 332-333), o primeiro rei de Portugal, D. Afonso I (1140-1185) era neto por via materna de D. Afonso VI de Castela. Seu filho D. Sancho I (1185-1212) casou-se

² <http://www.tulane.edu/~howard/spanling/IberHist/Reconquista/Reconquista.html>

³ <http://www.tulane.edu/~howard/spanling/IberHist/Reconquista/Reconquista.html>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

com Dulce de Aragão. Na sucessão, D. Afonso II (1212-1223) casou-se com Dona Urraca, filha de Afonso IX de Castela. D. Sancho II (1223-1247) morreu em combates, seu irmão D. Afonso III (1247-1279) casou-se com D. Beatriz de Castela, a filha de Afonso X, *el Sábio*. D. Dinis (1279-1325) casou-se com Isabel de Aragão e sua filha Constança de Portugal foi a esposa de Fernando IV de Castela. Na sucessão, D. Afonso IV (1325-1357) casou-se com D. Beatriz de Castela. Por outro lado, Dona Maria de Portugal, filha de Afonso IV, casou-se com Afonso XI de Castela.

Dessa forma, os laços familiares da corte portuguesa tiveram forte influência no falar português de prestígio, com interferências, sobretudo, do castelhano.

Entretanto, não apenas foram as mudanças sofridas pela língua portuguesa que a diferenciaram da galega, pois esta também sofreu mudanças. Segundo Brea (1983, p. 83-84), o falar ao norte e ao sul do rio Minho, o galego-português, seria praticamente o mesmo, apesar de pequenas variações regionais.

Com o processo de reconquista, a corte do reino português, que inicialmente estava em Braga e depois em Coimbra, foi sendo transferida em direção ao sul conforme a expansão do território, passando por Santarém e, com D. Afonso III, a cidade de Lisboa tornou-se a capital. Nesse processo, as populações que se utilizavam do falar do sul do rio Minho entraram em contato com outras variantes de influência árabe faladas mais ao sul e que, aos poucos, foram modificando a variante do galego-português e sua cultura que se estendiam em direção ao sul. Certamente houve influências importantes como a do árabe, moçárabe, hebraico, provençal, francês, leonês, aragonês e, a partir das conquistas dos séculos XV e XVI, das línguas provenientes das colônias ultramarinas.

A partir do século XIV, a separação política e cultural do rio Minho se intensificou e ficou marcada por duas variedades distintas: o português e o galego. De acordo com Mariño Paz (1999, p. 105), ainda que o português seja uma criação da região sul da antiga Galiza, a sua posterior evolução se deu no sentido da “desgaleguização”, de tal forma que, ao mesmo tempo em que perdia o seu caráter primitivo galaico, ia-se adaptando ao ambiente linguístico moçárabe das terras centrais e meridionais do que é hoje Portugal, e sua norma

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

padrão estabeleceu-se nas cidades de Coimbra e, principalmente, Lisboa, as quais foram sede da corte e da elite portuguesa.

Enquanto o português veio a ser a expressão de um povo em expansão política, territorial, econômica e cultural, o galego, em contrapartida, se transformou em expressão coloquial de um povo reprimido diante do domínio castelhano, sofrendo influências deste e de outras línguas trazidas pela peregrinação a Santiago de Compostela, tais como o catalão, provençal e francês, dentre outras no seu desenvolvimento.

Conforme Saraiva (1999, p. 52-55), a toponímia conserva um vestígio da situação histórica vivida pela região nos seus nomes: *castro*, *vila* e *paço* ao norte e ao sul do Douro. O topônimo *castro* é proveniente dos castelos e fortificações celtas; *vila* provém da antiga colonização romana; o *paço*, proveniente etimologicamente de *palatium*, reflete já a vila com a presença do novo senhor, que vive no *paço*. A presença dos senhores era muito mais rara ao sul que ao norte, confirmado pela localização dos *castros* e das *beetrias*. A *beetria* é um tipo de organização intermediária entre o *concelho* e o senhorio feudal. Os moradores da aldeia dependiam de um nobre, mas tinham o direito de elegê-lo. Os *castros* e *beetrias*, numerosos na Galiza, já são bem mais raros na região do Minho e, ao sul do Douro, os *castros* já não existem e as *beetrias* são raríssimas. Assim, em direção ao sul, o número de comunidades de moradores em que o senhorio era exercido coletivamente pelos próprios vizinhos é crescente.

Esta coexistência de uma zona predominantemente senhorial, onde as populações viviam em situações de dependência pessoal e a regra era a servidão nos seus vários graus, e as zonas onde predominavam os *concelhos* populares e a situação mais frequente era a da liberdade, não pode deixar de ser considerada como um fator social da independência portuguesa. Por outro lado, a organização municipal proporcionou ao rei de Portugal a organização de forças militares, que tornaram possível o seu grande fortalecimento como nobre e sua hegemonia no governo.

Nesse contexto, o português foi estendendo seu domínio em direção ao sul, onde recebeu mais influências do árabe, e em direção a suas colônias ultramarinas, onde recebeu influências de línguas nativas, e na própria corte de Lisboa recebeu influências principalmen-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

te do castelhano ali falado, também do francês, provençal e outras. Em 1536, no século XVI, tem-se a publicação da primeira gramática do português por Fernão de Oliveira. Já a língua galega, depois da sua fase de Esplendor Medieval e de desenvolvimento como língua culta, passou por uma etapa de forte decadência, conhecida como Séculos Escuros, desde finais da Idade Média até o começo do século XIX, e só teve sua primeira gramática publicada no final do século XIX.

Sabe-se que a separação política consumada na primeira metade do século XII não produziu diferenças linguísticas imediatas entre os falares usados ao norte e ao sul do rio Minho, mas pouco a pouco foram sendo criadas as condições para que cada região pudesse desenvolver e cultivar as suas diferenças, mesmo no campo do código culto e escrito. Portanto, segundo Mariño Paz (1999: 107), quando na segunda metade do século XIII começou-se a escrever regularmente na língua romance galego-português, entre os textos produzidos ao norte e ao sul do rio Minho, existiam já certas diferenças linguísticas que, em alguns casos, eram simplesmente a manifestação de diferenças dialetais e, em outros casos, podem ter sido produzidas pelas distintas tradições escriturárias dos escrivães de cada localidade. Aspecto este que também é frisado por Maia (1986, p. 940), após sua análise em manuscritos do período, notado pelas diferentes tradições gráficas. Entretanto, fato é que estas diferenças se aguçaram e se consolidaram nos séculos XIV e XV, a partir dos quais já existem duas línguas diferentes que se desenvolveram com dois rumos totalmente distintos.

De acordo com Mariño Paz (1999: 129), no início existiu uma unidade linguística galaica e, ao final, os acontecimentos históricos conduziram a que se produzisse um reagrupamento independente dos falares portugueses e galegos, desembocando na constituição de duas línguas próximas, porém distintas, devido ao distanciamento entre elas. Dessa maneira, a independência e o baixo nível de comunicação política e cultural entre as duas regiões, mesmo com as peregrinações à cidade de Santiago de Compostela, acabaram formando dois idiomas diferentes a partir do que primitivamente não eram mais que diferenças dialetais entre a variedade do norte e a variedade do sul, assim como também há diferenças dialetais dentro das atuais línguas galega e portuguesa. Neste caso, a fronteira política transformou-se

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

definitivamente em fronteira linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREÁN-GARCÍA, Nilsa. Breve histórico da península Ibérica. *Revista Philologus*, Ano 15, N° 45. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2009, p. 25-48.
- BREA, Mercedes. Galegisch: Externe Sprachgeschichte. In: HOLTUS, Günter et alli. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max-Niemeyer, 1983, v. VI, 2.
- LORENZO, Ramón. Breve historia da lingua galega. In: *Atas do 1º Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: ABRALIN, 1994.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MARIÑO PAZ, Ramón. *Historia da lingua galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco, 1998.
- MONTEAGUDO, Xosé Henrique. *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.
- RUCQUOI, Adeline. *História medieval da península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.
- SARAIVA, José H. *História concisa de Portugal*. 20. ed. Sintra: Europa-América, 1999.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.